



Capítulo 1

Sir Walter Elliot, de Kellynch Hall, em Somersetshire, era um homem que, para esparecer, nunca pegava nenhum livro além de *Baronetage*. Nele, encontrava distração para os momentos ociosos e consolo para os de angústia. Era lá que sentia admiração e respeito, contemplando os poucos remanescentes dos primeiros títulos. Ali, quaisquer sensações indesejadas, decorrentes de assuntos domésticos, mudavam naturalmente para lástima e desprezo enquanto folheava a lista quase interminável de títulos concedidos no século anterior. E ali, se todas as outras folhas não causassem nenhum efeito, ele poderia ler sua própria história com um interesse que nunca falhava. A página em que sempre abria seu livro favorito começava assim:

ELLIOT, DE KELLYNCH HALL

Walter Elliot, nascido em 1º de março de 1760, casado em 15 de julho de 1784 com Elizabeth, filha de James Stevenson, cavalheiro de South Park, no condado de Gloucester, com a qual (falecida em 1800) teve Elizabeth, nascida em 1º de junho de 1785; Anne, nascida em 9 de agosto de 1787; um filho natimorto em 5 de novembro de 1789; e Mary, nascida em 20 de novembro de 1791.

Este fora o parágrafo originalmente entregue nas mãos do impressor, mas *sir* Walter o aprimorara, acrescentando, após a data do nascimento de Mary, para sua própria informação e a de sua família, as seguintes palavras: “Casada em 16 de dezembro de 1810 com Charles, filho e herdeiro de Charles Musgrove, distinto cavalheiro de Uppercross, no condado de Somerset”; e a indicação do dia do mês em que este havia perdido a esposa.

Seguia-se, então, nos termos habituais, a história e a ascensão da antiga e respeitável família. Como se instalara inicialmente em Cheshire. Como era mencionada na genealogia de Dugdale – servira no gabinete do xerife, tivera representantes municipais em três parlamentos sucessivos e demonstrara lealdade e dignidade condizentes com o título de baronete durante o primeiro ano de reinado de Carlos II, incluindo todas as Marys e Elizabeths que haviam desposado. O texto ocupava o total de duas belas páginas *in duodecimo* e concluía com as armas e o lema da família – “Sede principal, Kellynch Hall, condado de Somerset” – e, novamente, na caligrafia de *sir* Walter: “Herdeiro presumível – William Walter Elliot, bisneto do segundo *sir* Walter”.

A vaidade era o traço principal do caráter de *sir* Walter Elliot. Vaidade pessoal e de sua situação. Ele fora notavelmente bonito em seus tempos de juventude e, aos 54 anos, ainda era um homem muito vistoso. Poucas mulheres davam tanta importância à aparência pessoal quanto ele, e nem mesmo o valete de um lorde recém-nomeado poderia se mostrar mais satisfeito com o lugar que ocupava na sociedade. Ele considerava a bênção da beleza como inferior apenas à de um baronato. Por isso, uma vez que reunia essas duas bênçãos, tinha calorosos respeito e devoção por si mesmo.

A beleza física e a posição social de *sir* Walter mereciam sua grande estima em, pelo menos, um aspecto, pois a elas devia uma esposa de caráter muito superior a qualquer coisa que seu próprio pudesse merecer. *Lady* Elliot havia sido uma excelente mulher, sensata e amável, cujos julgamentos e conduta, perdoada a paixão juvenil que a transformara em *lady* Elliot, não haviam mais necessitado de qualquer indulgência. Ela havia relevado, atenuado ou ocultado as falhas do marido, e mantido o respeito dele

PERSUASÃO

por 17 anos. Embora não fosse a pessoa mais feliz do mundo, encontrara o suficiente em seus afazeres, amigos e filhas para prender-se à vida e para não ser motivo de indiferença quando chegasse o momento de abandoná-los. Três meninas, as duas mais velhas com 16 e 14 anos, constituíam um legado terrível para uma mãe deixar, um fardo terrível a se confiar à autoridade e à orientação de um pai tolo e vaidoso. *Lady Elliot* tinha, no entanto, uma amiga muito íntima, uma mulher sensata e digna, que trouxera, pelo forte apego que sentia, para viver perto da família, na vila de Kellynch. E era na sua bondade e nos seus conselhos que *lady Elliot* confiava quando a questão eram os bons princípios e a educação que vinha se esforçando para transmitir às filhas.

Essa amiga e *sir Walter* não se casaram, apesar das muitas suposições criadas pela amizade entre os dois. Treze anos tinham se passado desde a morte de *lady Elliot*; e eles ainda eram vizinhos e amigos íntimos, os dois viúvos.

Uma mulher madura em idade e caráter, extremamente bem provida, como *lady Russell*, não requer nenhuma justificativa à opinião pública quanto a não pensar em um segundo casamento. Na verdade, tende-se a ficar mais descontente quando uma viúva volta a se casar do que ao contrário. Mas a persistência de *sir Walter* em permanecer solteiro requer explicação. Saibam, então, que *sir Walter*, como bom pai (tendo tido uma ou duas decepções pessoais em tentativas muito pouco sensatas), se orgulhava de continuar solteiro pelo bem de suas queridas filhas. Por uma delas, a mais velha, ele teria aberto mão de qualquer coisa, algo que não lhe parecia muito tentador. Elizabeth, aos 16 anos, herdara todos os direitos e a autoridade da mãe e, sendo muito bonita e muito parecida com o pai, sempre tivera grande influência sobre ele, e conviviam muito bem. Suas outras duas filhas tinham valor bem menor. Mary havia adquirido uma importância um tanto artificial, ao tornar-se a senhora Charles Musgrove. Mas Anne, com uma elegância de espírito e uma doçura de caráter que deviam tê-la destacado para qualquer pessoa de verdadeiro entendimento, não era ninguém para o pai nem para a irmã. Sua palavra não tinha peso; ela sempre cedia – era apenas Anne.

Para *lady* Russell, no entanto, ela era a afilhada mais querida e valorizada, favorita e amiga. *Lady* Russell amava todas, mas somente Anne a fazia recordar sua falecida amiga *lady* Elliot.

Alguns anos antes, Anne Elliot fora uma bela jovem, mas sua beleza murchara cedo; e, mesmo em seu auge, seu pai havia encontrado pouco para admirar nela (tão diferentes eram suas feições delicadas e seus olhos escuros e suaves dos dele). Não existia nada em seu aspecto físico, agora que ela estava melancólica e magra, capaz de despertar sua estima. Ele nunca havia tido muita esperança, e agora não tinha nenhuma, de ler o nome de Anne em alguma outra página de seu livro favorito. Todas as possibilidades de alianças estavam em Elizabeth, pois Mary tinha apenas se conectado com uma velha e respeitável família de grande fortuna, sendo, portanto, a provedora de toda a honra sem receber nenhuma em troca. Elizabeth, em algum momento, faria um casamento adequado.

Às vezes acontece de uma mulher ser mais bonita aos 29 anos do que há uma década, e, de modo geral, se não sofreu de problemas de saúde nem de ansiedade, quase nenhum encanto está perdido nesse período da vida. Foi assim com Elizabeth, ainda a mesma bela senhorita Elliot que tinha começado a despontar 13 anos antes. E *sir* Walter pode ser desculpado, portanto, por esquecer sua idade ou, pelo menos, ser considerado apenas meio tolo por pensar que ele e Elizabeth estavam florescendo como sempre, em meio à ruína da aparência de todos os outros. Pois ele podia ver claramente como todo o resto de sua família e os conhecidos estavam ficando velhos. Anne, prostrada; Mary, embrutecida; todos os rostos dos vizinhos, em mau estado; e o rápido aumento das rugas no rosto de *lady* Russell, tudo isso o angustiava.

Elizabeth não se igualava ao pai em contentamento pessoal. Fazia 13 anos que era a senhora de Kellynch Hall, comandando a casa com segurança e autoridade, jamais dando a impressão de ser mais jovem do que realmente era. Durante 13 anos, ela fizera as honras e estabelecera a ordem doméstica, liderando o caminho para a carruagem e saindo imediatamente depois de *lady* Russell de todos os salões e salas de jantar

PERSUASÃO

da região. As geadas de 13 invernos viram-na abrir todos os bailes mais importantes que uma vizinhança escassa permitia, e os botões de 13 primaveras tinham florescido enquanto ela viajava para Londres com o pai para desfrutar algumas semanas anuais na cidade grande. Ela lembrava tudo isso, e a consciência de ter 29 anos causava-lhe certa inquietude e apreensão. Estava plenamente satisfeita por continuar tão bonita quanto antes, mas sentia que se aproximava da idade perigosa e gostaria de ter a certeza de ser solicitada por algum pretendente com sangue de barão nos próximos 12 ou 24 meses. Nesse caso, talvez pudesse voltar a abrir o livro dos livros com tanto prazer quanto em sua juventude, algo que agora já não apreciava tanto. Olhar sempre a data de seu aniversário e não ver a de um casamento ao lado, como havia no de sua irmã mais nova, transformava o livro em um tormento. E mais de uma vez, quando seu pai o deixou aberto na mesa perto dela, ela o fechou, sem querer olhar, afastando-o.

Além disso, ela tivera uma decepção que aquele livro e, especialmente, a história de sua própria família sempre a fariam lembrar. Fora desapontada pelo herdeiro pressuposto do título, aquele mesmo William Walter Elliot cujos direitos haviam sido tão generosamente defendidos por seu pai.

Quando era muito jovem, assim que soubera que ele, caso a moça não tivesse nenhum irmão homem, seria o futuro baronete, Elizabeth havia decidido desposá-lo, e seu pai sempre quis o mesmo. Não conheceram William quando menino, mas, logo após a morte de *lady* Elliot, *sir* Walter procurou estreitar os laços e, embora suas iniciativas não tenham sido bem acolhidas, continuou a fazer tentativas de se aproximar, presumindo que a frieza fosse motivada pela timidez da juventude. Assim, em uma de suas excursões de primavera a Londres, quando Elizabeth estava em todo seu esplendor, o senhor Elliot fora forçado a conhecer a família.

Na época, ele era muito jovem, apenas iniciando os estudos de Direito, e Elizabeth achou-o muito agradável, confirmando todos os planos a favor do rapaz. O jovem foi convidado a Kellynch Hall. Houve

muitas conversas, e esperaram todo o resto do ano, mas ele nunca apareceu. Na primavera seguinte, viram William novamente na cidade, sendo considerado igualmente agradável, mais uma vez encorajado, convidado e esperado, e novamente não apareceu. E as notícias seguintes foram de que estava casado. Em vez de deixar que seu destino seguisse o caminho traçado como herdeiro da casa de Elliot, ele conquistara independência ao se unir a uma mulher rica de origem inferior.

Sir Walter ressentiu-se. Como chefe da casa, achava que deveria ter sido consultado, sobretudo depois de apresentar o rapaz publicamente: “Pois devemos ter sido vistos juntos”, observou, “uma vez no Tattersall’s e duas vezes no saguão da Câmara dos Comuns”. Ele expressou seu desagrado, mas foi aparentemente pouco considerado. O senhor Elliot não pediu desculpas e mostrou-se indiferente ao fato de ser ignorado pela família, pois *sir* Walter o considerava indigno dela. Todo o contato entre eles foi cortado.

Esse episódio constrangedor com o senhor Elliot ainda causava, mesmo depois de vários anos, muita raiva em Elizabeth, que tinha gostado do rapaz pelo que era, e mais ainda por ser herdeiro de seu pai, e cujo forte orgulho familiar só conseguia ver nele um par adequado para a filha mais velha de *sir* Walter Elliot. Não havia nenhum baronete de A a Z que pudesse despertar nela sentimentos iguais. No entanto, ele tinha se comportado de forma tão lamentável que, embora Elizabeth estivesse nesse momento (era o verão de 1814) usando fitas pretas em luto pela morte da jovem senhora Elliot, nem sequer cogitava tornar a agraciá-lo com sua consideração. A desgraça daquele primeiro casamento, que não fora perpetuado por filhos, já poderia talvez ter sido superada, não tivesse ele feito algo ainda pior. Conforme informaram gentis amigos, falara de maneira desrespeitosa de toda a família, menosprezando e desdenhando o próprio sangue, e as honrarias que seriam suas no futuro. Isso não poderia ser perdoado.

Eram esses os sentimentos e as sensações de Elizabeth Elliot. Eram essas as inquietações que animavam a mesmice e a elegância, a prosperidade e o vazio de sua vida. Tais eram os atrativos que davam colorido

PERSUASÃO

à vida monótona do campo, que preenchiam as horas mortas, a falta de hábitos úteis fora da casa, nenhum talento ou realizações com os quais se ocupar dentro dela.

No entanto, outra preocupação vinha se somar a essas. Seu pai começava a ter problemas financeiros. Elizabeth sabia que, quando ele abria o *Baronetage*, era para deixar de pensar nas pesadas contas de seus fornecedores e nas incômodas insinuações do senhor Shepherd, seu administrador. A propriedade de Kellynch era sólida, mas não condizia com o estilo de vida de seu dono. Enquanto *lady* Elliot viveu, houve método, moderação e economia, que terminavam por mantê-los dentro da renda. Mas, com a esposa, morrera toda a mentalidade correta, e, a partir daí, ele sempre excedera suas posses. Não havia sido possível gastar menos. Era apenas o que seu bom nome e sua posição exigiam. Por mais inocente que fosse, suas dívidas não só estavam crescendo muito, como ele ouvia falar do assunto com tanta frequência que era um esforço inútil tentar esconder da filha por mais tempo a situação, mesmo em parte. Ele lhe dera alguns indícios na última primavera na cidade, chegando a dizer o seguinte: “Será que não podemos reduzir os gastos? Não haverá alguma coisa em que possamos economizar?”. E Elizabeth, justiça seja-lhe feita, nos primeiros momentos de alarme feminino, começou seriamente a pensar no que poderia ser feito e, finalmente, propôs duas formas de economia: cortar algumas doações de caridade desnecessárias e abster-se de novos móveis para a sala de visitas, posteriormente acrescentando a ideia de não levarem nenhum presente para Anne, como era o costume anual. Mas essas medidas, por mais importantes que fossem, não bastavam para sanar o mal, algo que *sir* Walter se viu obrigado a confessar logo depois. Elizabeth não tinha nada a propor de eficácia mais profunda. Ela se sentia agoniada e infeliz, assim como o pai. E os dois não eram capazes de pensar em nenhum meio de diminuir as despesas sem comprometer a dignidade ou abrir mão do conforto em que viviam de modo que pudessem tolerar.

Havia apenas uma pequena parte de sua propriedade que *sir* Walter poderia dispor, mas, mesmo que fosse possível alienar todos os seus